

EDITORIAL

ESP/CE MAIO 2021

O COLETIVO NA PANDEMIA DE COVID-19

por Lisiane Cysne de Medeiros Vasconcelos Rego

É de grande importância, no presente momento brasileiro, uma revista que sugere um editorial para abordar os temas Saúde Pública/Coletiva, Educação e Tecnologias/Inovação, pois no Brasil atual, em plena pandemia de COVID-19, a saúde pública/coletiva e a educação estão sendo combatidas e sucateadas.

É deplorável que um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, nosso SUS (Sistema Único de Saúde), esteja sendo depauperado em toda a sua magnitude, sendo desacreditado e hostilizado, das formas mais perversas pelo próprio governo que deveria valorizá-lo.

O SUS é uma das maiores conquistas da população brasileira, no intuito de diminuir as tão graves e profundas desigualdades sociais. Desigualdades essas possuidoras de pilares no classismo, no racismo e no machismo estruturais.

O SUS é o serviço de saúde universal por excelência, que oferta a todos equidade no atendimento, sem privilégios ou obstáculos, abrangendo tanto os chamados “bairros ricos” das cidades como as periferias, as pessoas em situação de rua, as comunidades ribeirinhas, os quilombolas e as comunidades indígenas. Na busca dessa equidade, almeja uma assistência sem restrição, de forma regionalizada e integrada.

O SUS nasce da Reforma Sanitária brasileira, movimento social originado na luta contra a ditadura, com a temática “Democracia é Saúde”. A Reforma Sanitária preconizava uma reviravolta na saúde. Esse movimento facultou a formulação e a inclusão na Constituição de 1988, da garantia da “saúde como direito do cidadão e dever do Estado”.

Essa Reforma sanitária ampliava os horizontes da prevenção e do tratamento, preconizando uma saúde de forma integral e a determinação social do processo saúde/doença, estendendo os limites a outras abordagens e cunhando o conceito ampliado de saúde. Como Sérgio Arouca, brilhantemente, explicita na sua fala de abertura à VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986, ao dizer que o convidado mais importante dessa conferência, aquele que conseguiu com muitos sacrifícios uma representação, foi a sociedade brasileira organizada.

A importância da garantia das liberdades civis de forma igualitária é muito do que se almeja numa democracia. Entretanto, o Brasil, que deixou o escravismo há poucos 133 anos, ainda segue a lógica de exploradores e explorados, da descaracterização dos povos (indígenas e quilombolas), da segregação e exclusão de culturas e religiões e do privilégio das classes.

Ainda temos uma grande dificuldade para oferecer atendimento de saúde a lugares mais remotos ou mesmo às periferias das grandes cidades, para onde a maior parte da população negra/pobre foi empurrada no processo de “urbanização higienista” da ocupação do espaço coletivo. Travamos uma batalha na disponibilização de serviços de saúde que respeitem as peculiaridades das comunidades indígenas. O que dizer das pessoas em situação de rua que, nessa pandemia de COVID-19, se multiplicaram e ainda serão mais, pois faltou o básico desde o princípio? E agora segue faltando, quando se nega auxílio emergencial para as pessoas atravessarem, com dignidade, esse período tão trágico.

A invisibilidade é um grande obstáculo para as políticas de saúde coletiva!

Outro tema desse editorial é a educação. Apesar das grandes perdas de investimento por parte do governo federal, a educação sobrevive. O que em si é alarmante, pois sobreviver é, apenas, manter as necessidades básicas, não é prosperar e expandir.

É preciso educação para se desejar saúde e lutar por esta. É preciso saúde para se alcançar educação. Educação é fundamental para a consciência dos determinantes de seu estado de opressão, segundo o nosso querido Paulo Freire¹.

Vemos isso em algumas experiências relacionas nesta edição da Cadernos ESP, quando abordamos as mães que precisam de educação alimentar e nutricional para gerarem os filhos saudáveis do nosso futuro, no monitoramento da sala da mulher que amamenta, no processo de educação permanente dos agentes comunitários de saúde mirins. Crucial é a solicitação de políticas que protejam as mulheres e as crianças, e de políticas que melhorem o nível de segurança alimentar.

Sem educação não se grita por: MAIS VACINA! VACINA PARA TODOS! Sem educação não se oferta respeito e solidariedade (e sim filantropia e paternalismo), sem educação não se almeja igualdade e equidade, sem educação não se forma cidadãos. O que de fato essa pandemia de COVID-19 tem nos ensinado é que de um lado temos uma luta pela vida e do outro temos um fomento pelo consumo.

Ailton Krenak, escritor e líder indígena, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*², pergunta: “Para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor?” No mesmo livro, Krenak² cita o pajé yanomami Davi Kopenawa: “o mundo acredita que tudo é mercadoria”.

Assim, temas como calazar, transtornos mentais e risco de suicídio (artigos nesta

edição da Cadernos ESP) são de pouco interesse numa sociedade que privilegia a individualidade e o consumismo (por isso mesmo, esses temas demandam alusão). Tanto como falar de isolamento físico, uso de máscara e auxílio emergencial, que são ações com amplo impacto coletivo, mas vão na contramão dessa corrente individualista /consumista. Krenak² segue: “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência de vida”. Educar para salvar vidas, tornando-as vidas que se importam!

A educação, no caso dos profissionais de saúde, deve centrar-se nas necessidades da comunidade. Não há educação se não há diálogo e não há diálogo sem humildade¹ para escutar. É elogiável destacar a mudança do cerne do processo educativo, saindo do professor para o aluno e, na saúde, do médico para o paciente.

Para educar é preciso respeito pelas diversidades, sendo “nossas diferenças que deviam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo”, nos diz Krenak².

Nosso próximo tema é o acelerado progresso tecnológico, alavancado pela pandemia de COVID-19. Processo esse que atinge de várias formas a saúde, como a rápida elaboração e fabricação do Elmo, que foi fundamental para evitar a intubação de pacientes, reduzindo em 60% a necessidade de internações em leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Idealizado no Ceará pela equipe da ESP, que teve à frente o próprio gestor, Marcelo Alcântara, evidenciando a importância do financiamento e investimento nas nossas pesquisas.

Ficou claro, durante essa pandemia, que o setor público impulsionou a expansão das inovações tecnológicas, sendo a saúde pública um grande motor. Como exposto nos artigos dessa edição da Cadernos ESP, que investigam as terapias de alto fluxo e a ventilação não invasiva e os padrões da COVID-19 nos achados tomográficos de tórax.

A tecnologia despontou na saúde com a telemedicina, objetivando alcançar as pessoas no transcurso do isolamento físico e na educação, com as tecnologias digitais no modo remoto do ensino, com o objetivo de formar e qualificar profissionais, seguindo o mesmo padrão do modo convencional.

Quando se fala em saúde coletiva remete-se à comunidade, políticas públicas, cuidado integral, controle social, diminuição das desigualdades sociais/econômicas, valorização das culturas, da biodiversidade, consciência sanitária, equidade e universalidade. Nesse grande caldo cultural brasileiro, falta-nos instrução para valorizar as riquezas que nos formaram povo. Daí a necessidade de uma educação voltada para as necessidades do corpo social.

Devemos aprender que a ação mais efetiva é o comportamento voltado para o coletivo, visto que estamos acostumados à saúde centrada no indivíduo. A pandemia de COVID-19 surge como um alerta ao equívoco anterior, que necessita, mais do nunca, ser retificado.

Viva o SUS!

Rego, Lisiane Cysne de Medeiros Vasconcelos - possui graduação em Medicina pela Universidade Federal do Ceará, é Especialista em Psiquiatria pela Escola de Saúde Pública do Ceará, tem Mestrado em Drogodependência pela Universitat de Barcelona – Barcelona, Espanha e Doutorado em Psiquiatria Clínica, pela Universitat Autònoma de Barcelona - Barcelona, Espanha.

BIBLIOGRAFIA

1. Freire P. Pedagogia do oprimido, 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1987.
2. Krenak A. Ideias para adiar o fim do mundo. 1^a ed. São Paulo, Companhia das Letras; 2019.